

Um dos homens de preto

O repórter Felipe Andreoli fala de jornalismo, vídeoreportagem e os bastidores do programa CQC

Por Karen Rodrigues

Terno preto, óculos escuro, microfone em punho e uma pergunta afiada na ponta da língua. É neste estilo despojado que o repórter Felipe Andreoli vai em busca de mais uma matéria para o programa Custe o que Custar, o CQC. Seu jeito irreverente tem conquistado celebridades, atletas e o público em geral. Apaixonado por esporte, Andreoli deu o pontapé inicial na carreira de jornalista, aos 20 anos, estagiando na TV Record. Hoje, aos 28, o repórter já carrega grande experiência na área, conquistada nas emissoras em que atuou.

Um dos marcos na sua carreira foi ter sido um dos precursores na área de vídeoreportagem. Outro momento que Felipe considera muito gratificante foi à oportunidade de cobrir os Jogos Olímpicos de Beijing, na China. Em uma conversa descontraída com a Folha Universitária, ele falou um pouco da sua carreira no jornalismo, do programa CQC, de suas palestras e novos projetos.

Folha Universitária - Como você decidiu pelo Jornalismo?

Felipe Andreoli - Desde pequeno acompanhava meu pai (o apresentador esportivo Luiz Andreoli) nas redações da TV Globo e TV Bandeirantes. Então acabei tomando gosto por uma coisa com a qual eu convivía. Tinha pouco tempo para ficar com ele, porque meus pais são separados e quando era o fim de semana de ficar com meu pai, muitas vezes eu ia com ele trabalhar e vendo aquilo ali acabei me apaixonando. Desde pequeno nunca pensei em outra coisa. Nunca tive dúvidas no que fazer, sempre tive a expectativa de trabalhar na TV. E só depois com o caminhar é que fui vendo o quanto era difícil viver disso, mas por enquanto está dando certo.

F.U. - Como foi sua trajetória nesta área, até hoje?

F.A. - Trabalhei em vários lugares. Meu primeiro emprego foi como estagiário na Record, em um programa que se chamava "Em Busca do Amor". Sempre brinco que é um "fica comigo gospel" da Igreja Universal. Fazia de tudo, auxiliar de produção, externa, legendava clipping em inglês. E isso foi muito importante pra mim, porque praticamente só eu fazia o programa. Fiz de tudo, até apresentar um quadro que se chamava "Se liga jo-

vem". Eu conversava com os jovens sobre assuntos da adolescência como virgindade, namoro, só que numa temática mais evangélica. Depois de lá tive a chance de trabalhar com meu pai em um programa de esporte, na Rede Gospel. Foi muito bacana, porque foi culpa dele (risos). Pra mim foi muito importante porque pude começar a desenvolver essa personalidade jornalística do repórter. Meu estilo de fazer foi formando ali e fui tentando fazer coisas diferentes desde lá. Trabalhei quase cinco anos na TV Cultura. Fui vídeorepórter, um dos primeiros a trabalhar na área do futebol. Sofri muito na área, muito preconceito, muita trombada de câmera, muito cara babaca que não queria falar comigo porque achava que estava roubando o emprego dos outros. Hoje fico feliz em ver um monte de gente fazer o que eu fazia e sem ter problemas para trabalhar. Fiz tudo na Cultura, trabalhei fazendo reportagens de todas as editorias e apresentei jornal.

Fui para a Bandeirantes e também trabalhava com esporte no Band Esporte Clube, buscava reportagens diferentes, fiz algumas viagens. Foi muito bacana, me ajudou muito a crescer e a ter um destaque.

F.U. - Qual a entrevista que mais te marcou?

F.A. - Uma entrevista que fiz com o Mr. Bean. Eu brinquei com ele, dei uma camisa do Capivariano Futebol Clube e falei que era o melhor time do Brasil e ele comprou a história. Gosto bastante dessa entrevista.

F.U. - E como surgiu a oportunidade de participar do CQC?

F.A. - Fui indicado pela diretora artística da Band, que me conhecia do esporte, para fazer um teste. Fiz dois testes, eles gostaram e fui escolhido.

“As pessoas gostam e querem ver pessoas conhecidas. Se a gente tiver um programa inteiro, só com o povão, pode até ser que fique bacana, mas com certeza a galera também é atraída por um rosto conhecido”



Fotos: Divulgação

F.U. - Teve mudanças na sua postura de jornalista antes e depois do CQC?

F.A. - Teve. No começo tive muito mais dificuldade, porque sou um cara um pouco tímido. Hoje consigo me soltar um pouco mais, ser um pouco mais ousado, gritar quando tem que gritar, correr quando tem que correr, coisas que no jornalismo mais formal você não faz. Antes eu sentia que pagava um mico, mas agora já acho que faz parte do meu personagem. Mas acho que estou cada vez mais sem-vergonha. Sempre fui um cara que fez coisas sempre bem-humoradas, sempre pra cima para quem pudesse ver, se divertir.

F.U. - No CQC teve alguma matéria que mais marcou?

F.A. - Eu gosto de muitas. Acho que a viagem para as Olimpíadas, na China, marcou muito. Entrar ao vivo de lá foi demais. Uma grande experiência. Gostei muito dos links. Gostei também de uma matéria que a gente fez no Prêmio Comunique-se com o Cid Moreira, Nadja Haddad e o Caco Barcellos. Cada uma eu gosto de uma maneira. A gente sabe que tem pautas boas e pautas ruins e quando a gente faz uma pauta ruim ficar boa é muito legal.

F.U. - E quais foram as dificuldades na China?

F.A. - Todo mundo ficava com muito medo de censura e a gente teve pouquíssimo problema em relação a isso. O tempo todo tivemos liberdade para fazer o que a gente quis fazer. O que não tinha liberdade era dentro das áreas esportivas que eram cheias de regras e restrições e se desobedecesse, eles pegavam a credencial e a gente não ia poder fazer mais nada. Então, a gente deixou de ir um pouquinho além para garantir as outras matérias.

F.U. - Foi a primeira vez que você fez cobertura de um grande evento esportivo?

F.A. - Eu fiz o Pan-Americano que é uma mini-olimpíada. Mas nada da magnitude que é uma Olimpíada. É uma realização máxima de quem trabalha com esporte. Estar em uma Olimpíada ou numa Copa do Mundo é o máximo que a gente pode almejar, então pra

mim foi legal ter atingido isso em uma área totalmente diferente, em um programa diferente.

F.U. - Apesar de todo seu envolvimento com esporte, você pratica alguma modalidade?

F.A. - Jogo muito futebol e tênis sempre que posso. Se bem que agora, o programa está encerrando as minhas atividades esportivas. Eu gosto de competir. Eu gosto até de par ou ímpar, qualquer jogo que for bom eu estou dentro.

F.U. - O CQC, em um curto período, conquistou grande repercussão. É inegável que vocês ficaram mais conhecidos publicamente. Como você lida com isso?

F.A. - Tudo tem o lado bom e o lado ruim. Eu fico super feliz quando as pessoas me elogiam nas ruas, vêm cumprimentar, agradecem pelo programa, todas essas coisas são envidescadoras. Mas ao mesmo tempo você acaba perdendo um pouco da privacidade. Sempre tem o inconveniente, mas lógico que é muito mais bacana do que chato. Mas, sem dúvida, muda e a gente tem que se adaptar. Eu ainda estou me adaptando, porque foi tudo muito rápido.

F.U. - Uma das matérias que você fez foi a cobertura do casamento da atriz Juliana Paes. Isto não reforça a comparação do CQC com o programa Pânico?

F.A. - As pessoas gostam e querem ver pessoas conhecidas. Se a gente tiver um programa inteiro, só com o povão, pode até ser que fique bacana, mas com certeza a galera também é atraída por um rosto conhecido. Então eu acho que é inevitável uma vez ou outra fazer o casamento de uma celebridade ou um evento que tenha alguém deste porte. Isso no início do programa fazia muita gente comparar. Hoje, isso ficou um pou-

co de lado porque dá pra ver que a abordagem é totalmente diferente e isso acaba com qualquer dúvida em relação à comparação dos programas. Eles fantasiavam, são mais personagens que a gente, fazem um humor mais esculachado e a gente vem dentro do nosso estilo que, na minha opinião, é bem diferente.

F.U. - Boa parte das matérias que o programa aborda tem o foco na política. E geralmente são conduzidas com um tom de sarcasmo. O que vocês pretendem mostrar com esta postura?

F.A. - Através do nosso estilo de fazer, a gente tenta mostrar realmente como eles são. Mostrar que muitos deles não sabem ter um diálogo, não sabem responder a uma pergunta que os colocam contra a parede. E quem sabe abrir o olho do pessoal para se interessar.

F.U. - Há algumas críticas de que o programa é machista. Qual a sua opinião sobre isto?

F.A. - Isto até parece óbvio porque somos só homens e muitas vezes a gente faz brincadeiras mexendo com as mulheres. É algo que, lógico que o homem gosta, mas creio que tenha muita mulher que gosta também e ficam fantasiando um milhão de coisas por causa dessas brincadeiras. Acho que é uma associação normal falar que o programa é machista por causa dessas coisas, mas eu não vejo assim. E tanto não é, porque pegando de referência os nossos blogs nós temos muito mais mensagens de elogio de mulheres do que de homens. Acho que boa parte das mulheres não gostaria se o programa fosse machista.

F.U. - Tem alguma chance de colocar alguma mulher repórter no programa?

F.A. - Aí não é comigo (risos).

“Através do nosso estilo de fazer, a gente tenta mostrar realmente como eles são. Mostrar que muitos deles não sabem ter um diálogo, não sabem responder a uma pergunta que os colocam contra a parede. E quem sabe abrir o olho do pessoal para se interessar”



F.U. - Além de repórter do CQC, você também ministra cursos e palestras voltadas para a área de Jornalismo. Como surgiu isto?

F.A. - Na verdade, eu já dava cursos por meio do Portal Comuniquese desde 2004. Dou cursos sobre reportagem. Hoje, com a projeção que o CQC deu para a gente é uma coisa que eu quero impulsionar muito. Tenho prazer em ir a faculdades, colégios, conversar com a galera sobre isto, responder perguntas, isso me motiva muito. Mostro algumas das minhas reportagens, conto a minha história, minhas experiências. Acho que isto hoje interessa muito mais, porque estou mais exposto. Então agora está surgindo com mais força, mas é algo que já tenho quatro anos de prática, e eu adoro. Adoro, como eu gosto de fazer as reportagens, isso me dá prazer.

F.U. - Você tem outros planos?

F.A. - Tem muita coisa que a gente quer fazer, além das palestras e mestre de cerimônia de eventos. Eu tenho o projeto de fazer uma palestra com o meu pai, falando sobre a nossa história juntos, quase 30 anos de jornalismo, passando de gerações. Obviamente vamos ter palestras junto com os meninos do CQC. E eu e o Rafael Cortês estamos pensando em fazer uma peça, em breve, misturando música e futebol que são as nossas especialidades. Futebol é mais a minha e música mais a dele. A gente vai se juntar e brincar com isto também.

F.U. - Qual a dica que você dá aos estudantes de Jornalismo que, em breve, terão que encarar o mercado de trabalho?

F.A. - Para que desde o início tentem se envolver com a área desejada, nem que seja de graça no início. Conhecer o meio em que se trabalha desde cedo é importante.

